

Camila Rocha

Universidade de São Paulo. Brasil

camilarocha44@gmail.com

## O PAPEL DOS THINK TANKS PRÓ-MERCADO NA DIFUSÃO DO NEOLIBERALISMO NO BRASIL

**Resumo:** A década de 1990 no Brasil foi marcada pela adoção de medidas econômicas neoliberais, contudo, poucos anos antes o ideário neoliberal possuía pouco destaque nos meios políticos e na sociedade. A mudança do cenário político em favor do neoliberalismo foi ocasionada por diversos fatores, sendo que um destes foi a atuação de empresários e intelectuais reunidos nos primeiros think tanks pró-mercado fundados no Brasil na década de 1980. Assim, o objetivo deste artigo é abordar a atuação política destes atores em prol da difusão do ideário neoliberal desde a transição democrática até a ascensão de Fernando Henrique Cardoso à presidência da República.

**Palavras-chave:** think tanks, neoliberalismo, Brasil

### *The role of pro-market think tanks in the diffusion of neoliberalism in Brazil*

**Abstract:** During the 90s, under the administrations of Collor de Melo and Cardoso, Brazil adopted a series of neoliberal economic policies; however, a few years before, the neoliberal ideology had little prominence in the country's political landscape and in society. The change in favour of neoliberalism was caused by several factors, one of which was the neoliberal propaganda made by entrepreneurs and intellectuals gathered in pro-market think tanks founded in Brazil in the 1980s. Thus, the purpose of this article is to show how these organizations and its leading figures had a significant role in the diffusion of the neoliberal ideology from the beginning of the 80s until the rise of Fernando Henrique Cardoso to the presidency of the Republic

**Keywords:** think tanks, neoliberalism, Brazil



## Introdução

A década de 1990 no Brasil foi marcada pela adoção de medidas econômicas neoliberais como a abertura dos mercados, privatização de empresas estatais e criação de agências reguladoras, contudo, poucos anos antes o ideário pró-mercado possuía pouco destaque entre as elites políticas e na sociedade civil em geral. A mudança do cenário político em favor do neoliberalismo<sup>1</sup> foi ocasionada por diversos motivos, entre os mais conhecidos figuram a influência de entidades internacionais (Cruz, Sebastião, 2007) e a atuação de grupos de economistas de orientação monetarista junto aos governos de Fernando Henrique Cardoso, muitos dos quais se formaram em universidades norte-americanas (Loureiro, Maria Rita, 1997).

No entanto, um fator importante que contribuiu nesse sentido foi a propagação de valores neoliberais realizada por empresários, tecnocratas e intelectuais por meio da atuação de *think tanks* pró-mercado. A literatura sobre estes *think tanks* se debruçou exclusivamente sobre as atividades promovidas pelo Instituto Liberal (Gross, Denise, 2006; Casimiro, Flávio Henrique, 2011), no entanto, existiram outros dois importantes *think tanks* o Instituto de Estudos Empresariais e o Instituto Atlântico que também tiveram um papel importante na divulgação de ideias pró-mercado, de modo que, uma análise conjunta que leve em consideração o histórico da institucionalização do movimento neoliberal no Brasil por meio deste *think tanks* e dos laços que existiam entre suas lideranças e militantes é importante para compreender a evolução das articulações políticas que foram sendo feitas ao longo do tempo.

Assim, o objetivo deste artigo é justamente o de compreender como se deu a atuação política dos *think tanks* pró-mercado brasileiros em prol da difusão do ideário neoliberal desde a transição democrática até a ascensão de Fernando Henrique Cardoso à presidência da República, procurando ressaltar os vínculos existentes entre militantes e lideranças ligados a estas organizações e suas mudanças ao longo do tempo. Para tanto, serão utilizadas entrevistas com lideranças e militantes neoliberais e documentos históricos internos coletados junto aos três *think tanks* pró-mercado já citados que atuaram nas décadas de 1980 e 1990, o Instituto Liberal do Rio de Janeiro, fundado em 1983, e suas filiais, criadas a partir de 1986, o Instituto de Estudos Empresariais,

<sup>1</sup> Neoliberalismo é compreendido aqui como um conjunto de ideias e práticas sociais, políticas e econômicas, inspiradas nas obras dos mais destacados membros da Sociedade de Mont Pelerin (ver nota 5), que promovem a defesa do direito de propriedade, da livre atuação do mercado e do Estado mínimo. Os defensores do neoliberalismo, os neoliberais ou liberais, a despeito de suas possíveis diferenças, unificam-se em torno de uma ideologia que compreende que a liberdade humana está intimamente relacionada às ações racionais e auto-interessadas dos indivíduos em um mercado competitivo, e procuram combater de forma sistemática ideologias e práticas consideradas como “coletivistas”, o que inclui praticamente toda e qualquer forma de socialismo, para tanto articulam-se em um “movimento político transatlântico” que compreende uma vasta rede de intelectuais, ativistas e *think tanks* (Daniel, Stedman Jones, 2014).



fundado em 1984, e o Instituto Atlântico, fundado em 1992, Tendo em vista que o surgimento desse tipo de organização no Brasil possui conexões importantes com *think tanks* pró-mercado anglo-saxões, realizarei uma breve revisão da literatura sobre estes últimos antes de iniciar a análise sobre a atuação dos *think tanks* brasileiros propriamente dita.

### **Think tanks anglo-saxões: do cientificismo ao ativismo**

A expressão *think tank* passou a ser mais utilizada por volta da década de 1960 nos Estados Unidos, país que abriga boa parte dos *think tanks* considerados como arquetípicos pela literatura especializada (Donald, Abelson; Lindquist, Evert, 2000). Os primeiros *think tanks* que foram criados pelos norte-americanos durante a primeira metade do século XX eram organizações civis privadas, mantidas com doações de pessoas físicas e/ou jurídicas, que reuniam especialistas e técnicos, normalmente recrutados junto à academia. Seus membros procuravam dedicar-se à pesquisa científica e à divulgação de ideias no campo das políticas públicas da forma mais autônoma e independente possível em relação a grupos de interesse específicos. Este tipo de atuação, consoante com o espírito progressista e “científico” que passou a predominar no início do século XX nos Estados Unidos, seria possível na medida em que estas organizações não sofreriam interferência ou pressão de grupos de interesse específicos, como ocorreria em agências estatais, governos, universidades ou partidos, o que lhes facultaria a possibilidade de conduzir suas atividades-fim de forma mais “neutra”, “científica” e “desinteressada”, e por isso mais “confiável” em comparação a outros loci de pesquisa e produção de ideias e políticas públicas, características que constituiriam os principais atrativos do *think tanks* junto aos implementadores de políticas públicas (Rich, Andrew, 2004; Stone, Diane 2005).

Esta caracterização inicial, que ainda é veiculada por certos *think tanks* dentro e fora da América do Norte como parte de sua estratégia de *marketing*, vem sendo discutida e questionada pela literatura especializada em função do crescimento do número de *think tanks* que passaram a atuar nos anos 1970 com base em visões de mundo e ideologias particulares (Thunert, Martin, 2003). Até então o número total de *think tanks* ativos na política americana permaneceu

relativamente pequeno e não chegava a totalizar 70 organizações, sendo que estas devotavam seus esforços para a produção de pesquisas na área de políticas públicas de forma invariavelmente discreta e direcionada diretamente para o consumo de implementadores de políticas públicas sem se preocuparem em possuir maior apelo junto à esfera pública, cenário que se modificou radicalmente com a fundação da Heritage Foundation em 1973 (Smith, James, Simon, 1993).

A Heritage Foundation é tida como um dos *think tank* de direita<sup>2</sup> mais influentes dentro e fora dos Estados Unidos<sup>3</sup>. Sua missão é formular e promover políticas públicas conservadoras baseadas na defesa da livre-empresa, do Estado mínimo, da liberdade individual, dos valores tradicionais americanos e da importância de uma forte defesa nacional. Para conseguir influenciar o máximo possível o processo político nesta direção e obter o maior número de vitórias possível na chamada “batalha das ideias”, suas estratégias de *marketing* são direcionadas para um público alvo composto por membros do Congresso, membros de equipes parlamentares, formuladores de políticas públicas no poder executivo, mídia nacional, e comunidades acadêmicas<sup>4</sup>.

O formato de atuação inaugurado pela Heritage Foundation marcou o nascimento de um outro tipo de organização nos Estados Unidos: os *think tanks* “ativistas”, também chamados de *advocacy think tanks* (Weaver, Kent, 1989). Seguindo o modelo fornecido pela Heritage, novos *think tanks* que utilizam estratégias agressivas de *marketing* na defesa de seus interesses proliferaram naquele país, sendo que entre 1970 e 2000 o número de *think tanks* mais do que quadruplicou, crescendo de menos de 70 para mais de 300 organizações atuantes. Mais da metade dos novos *think tanks* que se formaram neste período possuíam uma orientação ideológica facilmente identificável e, dentre estes, dois terços são de direita.

Até o final da década de 1960 fundações e demais organizações civis de direita existentes nos Estados Unidos se recusavam deliberadamente a apoiar esforços relacionados ao que o que ocorria em Washington. Porém, logo mudaram de opinião em vista do aumento do que consideraram ser um inoportuno “ativismo estatal” promovido pelo governo na época, o qual passaram a combater por meio do financiamento de *think tanks* “ativistas” (Idem, ibidem). Diferentemente dos *think tanks* de orientação mais “científica”, a maior

<sup>2</sup> Aqui compreende-se que, assim como apontam Alain Noel e Jean-Phillipe Thérien (2008), a distinção principal entre esquerda e direita se dá em relação à igualdade, como entende Norberto Bobbio, porém isso não significa que a direita seria contrária a qualquer forma de igualdade, uma vez que, com base em uma longa tradição liberal em favor de direitos e liberdades individuais, a direita seria favorável a igualdade de oportunidades mas se oporia a mudanças sociais que tivessem como efeito uma ordem social-econômica mais igualitária, como defende a esquerda.

<sup>3</sup> *Global To Go Think Tanks Index Report* (2014). University of Pennsylvania

<sup>4</sup> Cf. <http://www.heritage.org/about>



parte dos recursos materiais e humanos recebidos dos *think tanks* “ativistas” não são empregados em pesquisas. Para maximizar as possibilidades de influenciar o processo político na formulação de resumidas análises de conjuntura, suas atividades principais são direcionadas para a produção de materiais de marketing e demais estratégias de comunicação voltadas para grupos políticos específicos, grandes veículos de mídia e à opinião pública com o intuito explícito de favorecer políticas públicas que sejam condizentes a priori uma orientação ideológica particular (Rich, Andrew, 2004).

Alguns anos após a fundação dos primeiros *think tanks* de direita com perfil ativista, certas políticas econômicas ortodoxas de inspiração neoliberal começaram a ser aplicadas em maior ou menor grau como forma de combater o aumento da inflação nos Estados Unidos durante o governo democrata de Jimmy Carter (1977-1981), fenômeno que também ocorreu de forma similar na Inglaterra durante o mandato do primeiro-ministro trabalhista James Callaghan na Inglaterra (1976-1979) (Stedman Jones, 2014). Porém, foi apenas no início da década de 1980, em meio às transformações ideológicas e econômicas promovidas pelos governos do republicano Ronald Reagan nos Estados Unidos e da conservadora Margareth Thatcher na Inglaterra que tais políticas passaram a ser difundidas e adotadas ao redor do globo de modo mais contundente (Desai, Radhika, 1994; Cockett, Richard, 1995) e que as ideias neoliberais começaram a se tornar hegemônicas, ultrapassando a esfera estritamente econômica e se enraizando no tecido social de vários países (Anderson, Perry, 1995).

A coincidência temporal no que tange à aplicação de políticas de inspiração neoliberal nos Estados Unidos e na Inglaterra nos anos 1980 não foi fortuita mas sim fruto de intercâmbios entre intelectuais e ativistas dos dois países que ocorreram principalmente ao longo da década de 1970 e que foram desencadeados com a publicação da obra seminal de Friedrich August Von Hayek, em 1944, *O caminho da servidão*. Nesta obra, Hayek, fundador da Sociedade de Mont Pelerin<sup>5</sup>, amigo de longa data de John Mayard Keynes, e ex-aluno de Ludwig von Mises, o mais importante nome da escola austríaca de economia, argumenta que o aprofundamento da lógica “coletivista” e “estatista” que ampararia o Estado de Bem Estar Social conduziria ao totalitarismo e, portanto, ao fim das liberdades individuais. Tais teses provocaram um

<sup>5</sup> A sociedade de Mont Pelerin foi fundada em 1947 após um primeiro encontro promovido por Hayek em uma localidade de mesmo nome na Suíça com o objetivo de estimular o intercâmbio de ideias com intelectuais afinados com as teses defendidas em *O caminho da servidão* e que provinham de diferentes países e contextos acadêmicos. Para mais detalhes sobre a Sociedade de Mont Pelerin, Anderson, Perry, 1995; Cockett, Richard, 1995; Harvey, David, 2008; Mirowski; Philip, Plehwe, Dieter, 2009; Stedman Jones, Daniel, 2014.

verdadeiro frisson na época, uma vez que as políticas que sustentavam o Estado de Bem Estar Social estavam em seu auge e eram um consenso tanto à direita quanto à esquerda do espectro político britânico, de modo que Hayek angariou rapidamente muitos inimigos. Porém, ao mesmo tempo, houve também quem se extasiasse com suas ideias, este foi o caso de Antony Fisher, ex-piloto da Força Aérea Real.

Após ler *O caminho da servidão*, Fisher entrou em contato com Hayek para pedir conselhos sobre como seria possível fazer com que as ideias pró-mercado defendidas no livro pudessem ter maior alcance. Seguindo a sugestão dada pelo economista austríaco de que seria melhor fazê-lo por meio da fundação de uma organização que fosse independente do sistema político, o qual estava na época alinhado com a defesa do Estado de Bem Estar Sociais, Fisher angariou recursos para fundar, dez anos depois, um dos primeiros *think tanks* pró-mercado do mundo, o Institute of Economic Affairs (IEA) (Cockett, Richard, 1995). Vinte anos após sua fundação, o IEA acabou por desempenhar um papel fundamental na política britânica não apenas no plano das ideias mas também no da política profissional propriamente dita quando, em anos posteriores, forneceu quadros e assessores técnicos para o governo de Margareth Thatcher (1979-1990), influenciando, de forma importante, a adoção de reformas de cunho liberalizante colocadas em prática pela política conservadora (James, Simon, 1993; Desai, Radhika, 1994).

Porém, antes mesmo de Thatcher se tornar primeira-ministra, ainda na metade da década de 1970, em meio à onda de fundação de *think tanks* “ativistas” de direita na América do Norte, Antony Fisher foi convidado em 1975 para ser codiretor de um *think tank* de direita no Canadá, o Fraser Institute, por conta de sua reputação angariada junto ao IEA. O think tank canadense, que foi fundado em Vancouver por um empresário daquele país em 1974, logo passou a se destacar no cenário político norte-americano, o que fez com que Fisher fosse chamado em 1977 para erguer uma organização similar em Nova Iorque originalmente chamada de Center for Economic Policy Studies e posteriormente rebatizada como Manhattan Institute for Policy Research. Ainda no mesmo ano, Fisher mudou-se para São Francisco, mais especificamente para a vizinhança de Milton Friedman, liderança intelectual do movimento neoliberal nos Estados Unidos, e lá fundou outra organização em 1979, o Pacific Institute for Public Policy,



sendo que ainda ao final da mesma década envolveu-se com a formação de outro *think tank* na Austrália, o Center for Independent Studies.

<sup>6</sup>Cf. <https://www.atlasnetwork.org/about/our-story>

Em 1981, encorajado por Hayek e Friedman<sup>6</sup>, Fisher decidiu criar em Washington uma espécie de “organização-mãe” que pudesse coordenar os think tanks que foram criados anos antes e que, ao mesmo tempo, articulasse a fundação de novas “filiais” do IEA em outros países, e assim surgiu a Atlas Economic Research Foundation, que mudou o nome posteriormente para Atlas Network (Thunert, Martin, 2003). Em 1987 a Atlas associou-se ao Institute of Humane Studies (IHS), fundado em 1961 por um acadêmico norte-americano e membro da Sociedade de Mont Pelerin chamado F.A. Harper, o qual também esteve envolvido com a atuação da primeira organização civil pró-mercado que foi fundada nos Estados Unidos ainda na década de 1940, a Foundation for Economic Education (FEE). A fusão tinha a finalidade de fortalecer a estrutura institucional da Atlas e assim poder tornar mais factível sua principal missão, que era, segundo formulara de forma bastante direta John Blundell, presidente da Atlas e do IHS de 1987 a 1990, “abarrotar o mundo com *think tanks* que defendam o livre-mercado” (Cockett, Richard, 1995:307).

Estes *think tanks* integravam uma rede complexa de atores e entidades diversos unidos em prol da diminuição da intervenção estatal na economia, entre os quais figuravam inclusive instituições universitárias e um partido político, o Libertarian Party, fundado em 1971 (Doherty, Bryan, 2007). Da década de 1970 em diante tais organizações passaram a contar com orçamentos milionários oriundos de doações realizadas por empresários mediadas por fundos “filantrópicos”. Um dos casos mais emblemáticos neste sentido é o dos bilionários do ramo de petróleo, David e Charles G. Koch, conhecidos como irmãos Koch, cuja atuação junto às principais organizações pró-mercado de seu país e na política do Partido Republicano é pública e notória. (Doherty, Bryan, 2007; Moraes, Reginaldo, 2015)

Nesse sentido, o vínculo da Atlas com a Sociedade de Mont Pelerin provou-se fundamental. Afinal, não só os diretores da Atlas participavam dos encontros promovidos periodicamente pela Sociedade e aproveitavam o ensejo para trocar ideias e experiências, mas também porque estes encontros eram ocasiões em que Fisher conseguia angariar fundos e entrar em contato com possíveis doadores e



apoiadores para a articuladora norte-americana (Cockett, Richard, 1995). Foi assim que, passados menos de dez anos desde sua fundação, a Atlas já conseguia desfrutar de um grau de sucesso considerável em relação aos objetivos propostos por seu fundador, o qual poderia ser comprovada numericamente, pois ainda em 1990 a Atlas já era responsável por uma vasta rede que compreendia mais de 60 *think tanks*, e em 1991 teria sido responsável por criar, apoiar financeiramente ou auxiliar de alguma forma na criação e/ou desenvolvimento de 78 “filiais” do IEA nos mais diversos países, sendo que 31 destas localizavam-se na América Latina.

### **A atuação dos *think tanks* pró-mercado no Brasil**

As sementes do que viriam a ser os primeiros *think tanks* pró-mercado brasileiros, cuja forma de atuação é similar àquela dos *think tanks* ativistas anglo-saxões, foram plantadas entre o fim dos anos 1970 e início da década de 1980. Em março de 1980, o principal tradutor brasileiro das obras de Hayek, José Stelle, retornou dos Estados Unidos, onde havia participado de um seminário de verão da FEE em 1978 e ingressado no Libertarian Party em 1979, com a ideia de fundar um *think tank* pró-mercado no Brasil:

Na convenção do Libertarian Party da Califórnia de 1979, (José Stelle) ouviu um discurso de Roy Childs conclamando os libertários americanos a levarem a mensagem liberal-libertária para outros países. Foi esse discurso de Childs que estimulou Stelle a fazer finalmente algo em que já pensara no final do seminário de verão de 1978, quando conheceu Leonard Read, presidente da FEE (Foundation For Economic Education), e um dos grandes estrategistas do movimento desde 1946 e ex-amigo de Ayn Rand. Que coisa interessante seria seguir a mesma profissão: fundar um instituto de estudos políticos e econômicos no Brasil, traduzindo livros, oferecendo seminários e construindo um cadre liberal. (...) Stelle então apresentou a ideia a Read, que mencionara ter alguns amigos no Brasil. Em março de 1980, Read deu-lhe uma carta de recomendação para ser entregue a seu amigo Paulo Ayres, em São Paulo, um dos organizadores da Revolução de 1964. Read conhecera Ayres numa de suas viagens pela América Latina quando era presidente da Câmara de Comércio de Los Angeles, antes de fundar sua FEE em 1946. Nos anos seguintes, sempre enviava mensalmente a revista *The Freeman*, da fundação, para Ayres. Logo após a eleição





do Jânio Quadros em 1960, os artigos sobre economia livre e princípios liberais publicados nessa revista ajudaram (juntamente com as obras de Ayn Rand) a definir alguns aspectos da Revolução de 1964. Stelle voltou ao Brasil e encontrou-se com Ayres no início de junho. Mas este, arbitrageur envolvido no processo de compra e venda de firmas, estava muito ocupado e desligado da política. Não apoiou a ideia de fundação de um instituto liberal no Brasil. Os acadêmicos eram na sua grande maioria socialistas de um tipo ou de outro, e a maioria dos empresários se beneficiavam tanto do intervencionismo e do mercantilismo brasileiro, que ninguém iria apoiar tal projeto. Em suma, não havia massa crítica da qual obter verbas e recrutar o pessoal necessário<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Trecho extraído de uma carta escrita por José Stelle intitulada *Origem do Movimento Liberal no Brasil (1974-1985)*, disponível nos Arquivos do Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

O empresário Paulo Ayres Filho foi fundador do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), um dos principais núcleos de articulação de uma intrincada rede de alcance internacional que envolvia importantes políticos, militares e empresários nacionais e norte-americanos que protagonizaram a derrubada do então presidente João Goulart em 1964 (Dreifuss, Rene, 1987) e que foi extinto pouco tempo após o início do regime militar. Ainda que não costume aparecer com destaque entre as figuras mais importantes do neoliberalismo brasileiro, Ayres Filho era um neoliberal convicto e membro da Sociedade de Mont Pelerin, porém, nos anos 1980, desiludido com os horizontes para a implementação de políticas neoliberais no país, o empresário se recusou a auxiliar no que foi provavelmente a primeira tentativa de fundação de um *think tank* liberal no Brasil ensaiada por José Stelle. Contudo, Ayres Filho recomendou ao tradutor que entrasse em contato com outro empresário alinhado com a defesa de políticas neoliberais, Henry Maksoud, o qual talvez poderia ajuda-lo a concretizar seu intuito:

...Ayres convidou Stelle a participar do grupo de estudos de que era membro e recomendou então que Stelle falasse com Henry Maksoud, única pessoa que talvez se interessasse pelo assunto. Com um telefonema, marcou a entrevista para as duas da tarde e teve a bondade de apresentar Stelle a Maksoud no Maksoud Plaza, recentemente construído e um dos melhores hotéis do país. Maksoud avaliou o visitante, mas ofereceu-lhe apenas uma posição como tradutor e redator da revista *Visão*, que, a seu ver, poderia exercer mais influência no Brasil do que o pretendido instituto. Desapontado, Stelle aceitou a oferta, e logo iniciou seus trabalhos como redator de *Visão*<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Idem nota 5.



A tentativa de Stelle em fundar um *think tank* no início dos anos 1980 não prosperou pois nem mesmo Henry Maksoud, empresário de sucesso e um dos precursores na divulgação do ideário liberal no Brasil, aceitou a proposta de fundar um instituto. Proprietário de empresas de ramos diversos, como a empreiteira Hidroservice e o hotel de luxo Maksoud Plaza, Maksoud foi um ativo divulgador das ideias neoliberais no Brasil. Por meio da Revista *Visão*, adquirida pelo empresário entre os anos de 1974 e 1975, e da qual Stelle se tornou redator, foram publicados entrevistas e ensaios inéditos de intelectuais como Hayek, Milton Friedman e Murray Rothbard, algo inédito no que tange à divulgação de tais ideias na imprensa, a qual, segundo Stelle, ainda era dominada por um consenso socialdemocrata, tanto que ele seria o único funcionário da revista que de fato acreditava nas ideias promovidas pela publicação.

Para além da divulgação do neoliberalismo realizada por meio da revista, Maksoud também publicou diversos livros de autoria própria sobre neoliberalismo publicados pela Editora Visão e financiou a primeira tradução para o português, realizada por Stelle, de *Fundamentos da Liberdade* de Hayek. Inclusive, o economista austríaco veio para o Brasil em 1976 a convite do empresário e retornou outras tantas vezes, em uma das quais, no ano de 1981, realizou uma palestra na Universidade de Brasília para um público que contava com intelectuais pró-mercado ilustres que atuaram na política brasileira em décadas passadas como Eugênio Gudín, Roberto Campos, Octávio Gouveia de Bulhões e Alfredo Marcolin Peringer.

No final da década de 1980, em meio à agitação política encetada pela Assembleia Nacional Constituinte, Maksoud fez uma detalhada proposta de Constituição para o Brasil. O texto fora baseado no conceito de demarquia, desenvolvido por Hayek, porém, não apenas não foi acolhido por nenhum constituinte como pode ser tido, em grande medida, como a antítese da redação final que fora aprovada pela Assembleia. O empresário, contudo, não se fez de rogado e em 1988 comprou um horário na Rede Bandeirantes de televisão e passou a apresentar o programa *Henry Maksoud e você* para divulgar o ideário pró-mercado. No programa, que contou com mais de 170 edições, o apresentador não apenas divulgava as ideias falando diretamente para os telespectadores mas também entrevistava personalidades se valendo de um



<sup>9</sup>Informações obtidas por meio de entrevistas realizadas com José Stelle e Winston Ling, ver mais informações em Anexo 1.

“corpo-a-corpo” por trás das câmeras procurando influenciar as pessoas de modo mais direto a aderirem ao ideário pró-mercado<sup>9</sup>.

Stelle não se deu por vencido e após a negativa de Maksoud e ainda procurou muitos outros empresários que pudessem ajuda-lo a fundar um *think tank* pró-mercado, porém, foi apenas em dezembro de 1982 que sua ideia começou a ganhar concretude, quando Stelle recebeu um telefonema de um empresário de origem canadense que gostaria que ele traduzisse uma trilogia escrita por Hayek intitulada *Direito, legislação e liberdade*. O empresário em questão era Donald Stewart Jr., um dos homens mais ricos do Rio de Janeiro na época e dono da ECISA, uma empresa do ramo da construção civil que construía obras na África financiadas pelo Banco Mundial e projetadas pela Hidroservice de Henry Maksoud. Stewart, que havia participado de um das palestras com Hayek promovidas por Maksoud, havia acabado de chegar de Londres, onde havia, com muito custo, conseguido adquirir um volume da trilogia de Hayek, *Direito, legislação e liberdade* em uma livraria especializada.

<sup>10</sup> De acordo com entrevista realizada com Arthur Chagas Diniz, ver mais informações em Anexo 1.

De posse do livro, e tendo conhecido Antony Fisher e o IEA<sup>10</sup>, o empresário, que depois se tornou membro da Sociedade de Mont Pelerin, passou a cogitar fortemente em usar a tradução da obra para lançar um centro estudos políticos e econômicos no Rio de Janeiro. Stelle, animado com a possibilidade de finalmente conseguir fundar um *think tank* sugeriu o nome de Instituto Liberais e apresentou a Stewart um dos primeiros Chicago Boys brasileiros, o professor Og Leme, o qual havia sido aluno de Hayek e Friedman e trabalhado ao lado de Roberto Campos no governo Castelo Branco (1964-1967). Porém, inconformado por ter que atuar de modo subordinado aos empresários que fariam parte do Conselho Mantenedor do IL, Stelle acabou rompendo com Donald Stewart, abandonando o Instituto apenas um ano após sua fundação e se mudando em definitivo para os Estados Unidos anos depois onde se tornou professor universitário.

Stewart fazia parte de um seleto grupo de empresários que possuía então algum interesse no ideário neoliberal. De acordo com o cientista político Álvaro Bianchi (2007), a preocupação de alguns empresários com a limitação das atividades estatais teve início no final da ditadura militar, durante a década de 1970, em virtude de uma crise política e econômica. Naquele momento passou a existir um movimento



de unificação de interesses que se iniciou na campanha contra a estatização e continuou na esteira das greves do ABC, quando oito líderes empresariais se reuniram para divulgar um documento político. Tal movimento procurou alargar os limites de uma representação puramente corporativa de seus próprios interesses, e foi justamente nesta época que o Instituto Liberal foi fundado por Donald Stewart Jr.. Entre os oito empresários que participaram da campanha estavam Jorge Gerdau Johanpeter, Antonio Ermírio de Moraes e Paulo Villares. Jorge Gerdau foi um dos entusiastas de primeira hora do Instituto Liberal e logo passou a participar da organização como membro da diretoria do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e Presidente de seu Conselho Mantenedor em seu primeiro ano de existência, além de ter recebido ainda em 1983 o prêmio “Homem de Visão”, concedido pela Revista *Visão* de Henry Maksoud.

Alguns anos depois, os membros do Conselho Mantenedor do Instituto decidiram fundar outras organizações similares Brasil afora, assim, Antonio Ermírio e Paulo Villares, que estavam no grupo dos oito na década de 1970, passaram então a constar como mantenedores do Instituto Liberal de São Paulo em 1989 (Gros, Denise 2006). Porém, de todas as filiais do Instituto Liberal que foram fundadas nessa época, apenas uma sobreviveu, o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul, que depois passou a se chamar Instituto Liberdade, fundada pelos empresários e irmãos William e Winston Ling<sup>11</sup>, os quais também foram responsáveis por criar, em 1984, o segundo *think tank* pró-mercado do Brasil, o Instituto de Estudos Empresariais (IEE).

A razão que levou Winston Ling, mestre em economia pela Universidade de Chicago, a fundar um *think tank* no Brasil foi sua preocupação em criar uma organização específica que promovesse uma educação liberal para uma nova geração de empresários, uma vez que as antigas já seriam refratárias a tais ideias. Na época o liberalismo econômico era pouco divulgado na imprensa e nas universidades, de modo que Ling recorreu à contratação de um jornalista que percorria o “mundo jornalístico distribuindo matérias” pró-mercado e procurou promover palestras em universidades com nomes de peso, porém não costumava obter muito sucesso junto ao público presente:

Eu consegui fazer vários eventos em Porto Alegre levando esses palestrantes para a universidade, para

<sup>11</sup> O pai dos irmãos Ling, Sheun Ming Ling, foi pioneiro no desenvolvimento da soja no Brasil, tendo iniciado suas atividades nos primeiros anos da década de 1950.



a URGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e levando pau. Porque naquela época não existia tal coisa. E eu me lembro que teve uma vez que nós fizemos uma palestra de noite no auditório da Faculdade de Direito da URGS, e quando nós chegamos lá estava lotado. Naquela época normalmente tinham 10, 15, 20 pessoas no máximo, mas naquele dia estava lotado. Quando o palestrante começou a falar, um a um o pessoal começou a levantar e ir embora. Ou seja, o pessoal da esquerda convocou os amigos, coisa e tal, e eles lotaram tudo. E aí eles combinaram: “olha, vamos começar a sair devagarinho e deixar o negócio vazio”. Aí ficou vazio mesmo, ficaram lá umas 10 pessoas só<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Entrevista realizada com Winston Ling, ver mais informações em Anexo 1.

Para além de palestras específicas voltadas para o público universitário, o IEE passou a organizar anualmente a partir de 1987 o Fórum da Liberdade em Porto Alegre, um evento fechado do qual participavam como palestrantes elites políticas, empresariais e intelectuais, promovido para um público de empresários. No entanto, Ling também se valia de meios menos ortodoxos para convencer os empresários brasileiros, em sua maioria pouco afeitos às vantagens do livre-mercado, como a estratégia do “corpo-a-corpo”, a qual era indispensável para que eles lessem obras de autores pró-mercado:

Esse tipo de corpo a corpo na nossa época no IEE eu fazia muito isso, por exemplo, cada pessoa tinha que ler um livro por mês e a gente ligava pra cada um deles semanalmente: “vem cá fulano, que página tu tá do livro?”. A gente fazia esse corpo a corpo, porque é difícil, tem uma turma que não gosta de ler...ele mandava vários livros com um bilhete em que ele dizia assim: “olha, eu sei que é muito livro, muitas páginas, mas você não precisa ler todos os livros, tá aqui ó, o livro A você lê da página tal a tal, o livro B da página tal até a página tal, porque nós vamos discutir esses livros no programa<sup>13</sup>”.

<sup>13</sup> Podcast de Winston Ling disponível em <http://www.mises.org.br/>

Além de fazer o “corpo-a-corpo” com os empresários que já eram membros do IEE para que lessem as obras, Ling também o fazia com outros empresários que não tinham relação com o Instituto, como, por exemplo, quando praticamente obrigou vários empresários que viajavam para Taiwan a trabalho a aproveitar as longas horas do voo para ler livros pró-mercado. A insistência de Winston Ling em procurar influenciar os empresários brasileiros a todo o custo se justificava tendo em vista que a adoção convicta dos princípios neoliberais era tão difícil para a maior parte



dos empresários brasileiros que até mesmo o próprio Henry Maksoud teve dificuldade de colocá-los em prática quando se viu confrontado com suas possíveis consequências para o seu próprio ramo de atividade, como atesta Arthur Chagas Diniz, presidente do Instituto Liberal do Rio de Janeiro por mais de vinte anos:

Eu conheci muito bem o Henry Maksoud quando eu trabalhava no Ministério do Planejamento. Ele foi pra lá e tinha uma empresa chamada Hidroservice. (...). Ele era, digamos assim, monopolista de um certo tipo conhecimento no Brasil com a Hidroservice, mas quando você botava em concorrência aqui dentro ele não tinha esse desejo de concorrência tão acentuado não, na prática a teoria era outra<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Idem nota 8.

Boa parte dos livros que Ling circulava entre os empresários eram versões traduzidas para o português pelo Instituto Liberal do Rio de Janeiro. A tradução e publicação de livros foi justamente o que motivou a fundação do Instituto Liberal por Donald Stewart Jr.. Para tanto Donald além de atrair outros empresários que pudessem segui-lo em sua empreitada, como Ayres Filho, que acabou se tornando conselheiro do Instituto Liberal de São Paulo em 1992 e doou seu acervo privado à biblioteca do instituto<sup>15</sup>, também aproximou os poucos quadros pró-mercado que existiam no país, como o professor Og Leme, apresentado a Stewart por José Stelle.

<sup>15</sup> Informação contida no informativo comemorativo dos dez primeiros anos do Instituto Liberal.

Nos primeiros dez anos de atuação, o IL do Rio de Janeiro conseguiu expandir seu alcance por meio da fundação de oito Institutos Liberais em alguns dos principais estados brasileiros, como relata Winston Ling, que dois anos após fundar o IEE em 1984 passou a presidir a seção do IL no Rio Grande do Sul:

Nós lá no Sul, em 1983, resolvemos nos tornar membros do Instituto Liberal no Rio de Janeiro. Lá no Rio Grande do Sul éramos o Grupo Gerdau, nosso grupo e o Grupo Ioshpe, três empresas somente. Aí, lá por 1986, o Donald fez uma reunião no Rio de Janeiro, pediu pra que todos fossem e nessa reunião ele disse, “olha nós já temos uma massa crítica de livros publicados agora tá na hora de fazer o pessoal ler, então pra isso vamos procurar voluntários entre vocês aí pra que se formem Institutos Liberais nos diversos estados do Brasil com o objetivo de promover a divulgação e a leitura desses livros. O Instituto Liberal do Rio continuaria traduzindo e produzindo os livros



<sup>16</sup> Para informações detalhadas sobre os quadros administrativos de cada Instituto Liberal e seus respectivos mantenedores cf. (Gross, Denise 2002).

<sup>17</sup> Roberto Demeterco, dono de uma das maiores redes de supermercado da época e dirigente do IL-PR realizou uma campanha publicitária na qual divulgou várias frases e slogans liberais em outdoors de Curitiba (Informações contidas no informe comemorativo de dez anos do IL).

<sup>18</sup> Idem nota 11.

<sup>19</sup> *Policy Papers* eram artigos de cerca de vinte páginas que discorriam sobre as vantagens, ou desvantagens, da adoção de certas políticas públicas e que eram elaborados por especialistas liberais no tema. *Position Papers* eram comunicações opináticas curtas que procuravam influenciar o leitor a respeito de algum tema específico e que podiam ser formulados por qualquer membro do instituto.

<sup>20</sup> As tabelas com os nomes dos palestrantes e doadores do Instituto Liberal entre 1983 e 1993 podem ser consultadas em (Casimiro, Flávio Henrique, 2011).

e os institutos liberais estaduais fariam a divulgação”. Então na hora eu imediatamente me voluntariei pra fazer o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul. (...) Os institutos surgiram com o chamado do Donald pra que se começasse a divulgação das ideias nos anos vivos do Instituto do Rio de Janeiro, aí surgiram os institutos de Pernambuco, do Ceará, da Bahia, Minas Gerais com Salim Matar, Brasília, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, junto com o Instituto Liberal do Rio de Janeiro, eram oito mais o Rio<sup>16</sup>. Cada Instituto Liberal no seu Estado fazia arrecadação de doações pra fazer cada um dos seus projetos, (com exceção do Paraná<sup>17</sup>)<sup>18</sup>.

Porém, com exceção do Instituto de São Paulo, que conseguiu financiadores de peso, a maior parte dos institutos contava com recursos escassos, de modo que suas atividades eram bastante restritas em comparação com as do IL-RJ, e consistiam, basicamente, na replicação do material produzido pelo IL original, o qual traduzia e publicava livros, editava uma revista chamada *Think Tank* e posteriormente rebatizada como *Banco de Ideias*, promovia palestras, além de produzir *policy e position papers*<sup>19</sup> sobre temas diversos como educação, previdência social, energia, entre outros. Desde sua fundação até 1993, o IL-RJ foi extremamente ativo e foi capaz de atrair 200 mantenedores do meio empresarial e promover mais de 500 eventos no país com 169 palestrantes ligados ao Instituto<sup>20</sup>. Os institutos estaduais atuavam de modo centralizado, baseados nas decisões do Conselho Nacional dos Institutos Liberais. Em uma destas reuniões, em 1993, coube ao presidente do Conselho a coordenação do levantamento de uma listagem de três mil pessoas que comporiam o público-alvo dos institutos, as quais deveriam se dividir em duas categorias de formadores de opinião, “liberais” e “prospects”:

*Liberais*: público-alvo cuja definição ideológica seja reconhecidamente consistente com nosso ideário (...). *Prospects*: pessoas em que se identifica possibilidades de conversão ao liberalismo. O grupo *prospects* deve ser integrado por pessoas não infensas a ideia liberal ou que estão no muro. Um bom exemplo desse tipo de pessoa são os políticos do PSDB. (...) Levando-se em conta que o público-alvo é integrado por formadores de opinião, cada Instituto deverá procurar listar os liberais e os *prospects* em seu estado dentro das seguintes categorias: deputados federais e senadores; governadores de Estado e Secretários;

Prefeitos influentes de grandes municípios;  
Deputados Estaduais mais representativos;  
Professores Universitários; Jornalistas; Dirigente de  
Entidades Empresariais; Empresários militantes;  
Líderes sindicais; Líderes estudantis; Líderes de  
entidades civis<sup>21</sup>.

O foco em cada uma destas categorias, contudo, era desigual pois mais de um terço dos indivíduos-alvo eram políticos. De acordo com um planejamento inicial feito pelo IL, dos três mil formadores de opinião a serem influenciados 1200 eram políticos, entre os quais eram destacados os senadores e deputados federais (300) e os prefeitos (200), 400 eram empresários e 400 eram professores universitários. Uma das únicas pesquisas encomendadas pelo IL, no ano de 1991, com propósito de saber mais a respeito do impacto de suas atividades, foi justamente para aferir a influência de uma de suas publicações junto a legisladores, a Revista Notas, publicação mensal que era realizada com o apoio da organização norte-americana CIPE (Center for International Private Enterprise)<sup>22</sup> e redigida pelos membros do instituto. A Notas possuía uma tiragem de cinco mil cópias e versava sobre análise de leis e procedimentos constitucionais e era distribuída para tomadores de decisão. De acordo com a pesquisa, cerca de 57 deputados federais afirmaram ler a revista assiduamente, 75% destes afirmaram que mudaram seus votos após lerem a publicação, e mesmo legisladores que não eram liberais afirmaram que suas ideias foram afetadas pela leitura de Notas<sup>23</sup>.

Os professores e estudantes universitários eram beneficiados pela disponibilização de livros liberais para venda ou consulta na sede do Instituto, seminários, bolsas e programas de intercâmbio financiados por organizações e universidades estrangeiras mediados principalmente pelo professor Og Leme, e concursos de monografias. E, finalmente, os empresários, eram beneficiados pela participação em uma rede de contatos com empresários importantes do país fomentadas não apenas pelos Institutos Liberais mas também pelo IEE, cujo foco era justamente a formação de jovens empresários na doutrina liberal.

De fato eram raras as iniciativas dos *think tanks* liberais que existiam até o início da década de 1990 que não focavam nestas categorias, as exceções neste sentido foram a publicação de um gibi da Turma da Mônica sobre cidadania, realizada pelo IL-SP e as campanhas publicitárias de frases

<sup>21</sup> Excerto extraído de carta escrita por Donald Stewart Jr. no dia primeiro de setembro de 1993 e endereçada aos presidentes dos ILs, Jorge Gerdau Johannpeter, Jorge Simeira Jacob e Roberto Bornhausen que está arquivada no Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> A CIPE é uma das quatro instituições vinculadas ao National Endowment for Democracy (NED), fundação privada pró-mercado criada por Ronald Reagan em 1983.

<sup>23</sup> Informações contidas no informe comemorativo de dez anos do IL.





liberais estampadas em outdoors levada a cabo pelo IL-PR, ambas destinadas ao público-geral. Contudo, as atividades de alcance mais elitista dos ILs e do IEE foram contrabalançadas posteriormente pela atuação de um novo *think tank* liberal no Rio de Janeiro, o Instituto Atlântico (IA) fundado em 1992 por antigos membros da Câmara de Estudos e Debates Econômicos e Sociais (CEDES).

A CEDES foi criada em 1980 por Paulo Rabello de Castro, economista que concluiu seu doutorado na Universidade de Chicago na mesma época em que lá estudava Paulo Leme, filho de Og Leme. Empenhado em fazer com que a elite política e empresarial brasileira trilhasse o caminho das reformas liberalizantes o economista tirou férias em 1979 para escrever o que viria a ser o Estatuto da nova organização. De acordo com Castro a Câmara de Estudos procurava dar uma resposta diferente para sanar a crise inflacionária em comparação com o que era oferecido pelo modelo desenvolvimentista autoritário promovido pelos militares e pelo social-desenvolvimentismo defendido por grupos de esquerda.

A CEDES era composta por um grupo de intelectuais, boa parte dos quais eram egressos da Universidade de São Paulo, especialmente da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIEPE). O grupo possuía uma grande liberdade para elaborar suas propostas de políticas públicas a despeito da Câmara estar assentada no que o próprio Rabello de Castro se refere como “o templo do conservadorismo nacional”, a Sociedade Rural Brasileira, entidade que seria, teoricamente, uma dos mais refratárias à defesa do liberalismo econômico. Na época, no entanto, a Sociedade Rural era presidida por Renato Ticoulat Filho e por outros dirigentes rurais que eram mais intelectualizados e mais abertos a inovações, além disso, o grupo também contava com banqueiros, como por exemplo o então presidente do Unibanco, Roberto Bornhausen, e a família Andrade Vieira, então proprietária de um banco fortemente vinculado ao meio rural paranaense, o Banco Bamerindus. De acordo com o historiador René Armand Dreifuss (1989) a CEDES era mantida por cinquenta empresas e associações, nacionais e internacionais, o que possibilitou, três anos depois, que seus membros conseguissem apresentar suas ideias para políticos de diferentes matizes ideológicos, como Paulo Maluf, Tancredo Neves e membros do Partido dos Trabalhadores.

Após ter se afastado do grupo em 1984, Rabelo de Castro

volta à CEDES em 1986 e neste mesmo ano é escalado para apresentar as ideias da organização para um grupo de 140 empresários que se reuniram a portas fechadas nos dias 4 e 5 de outubro em um hotel no Guarujá, litoral do Estado de São Paulo. De acordo com o economista, a reunião visava apresentar para os presentes as possibilidades de inserção de ideias de cunho liberalizante na futura Assembleia Nacional Constituinte que iria iniciar seus trabalhos no ano seguinte:

Eu organizei o debate econômico a pedido da CEDES e lá compareceu um deputado que foi bem votado, que era o Guilherme Afif Domingos. Quem falou no jantar solene foi o (ministro-chefe do gabinete civil) Marco Maciel, que constituiu a coluna vertebral do então Partido da Frente Liberal, levando para o partido algum tipo de liberalismo. Esse grupo é que formará a base do chamado Centrão a partir de 1987, dando um pouco de orientação racionalizante para uma “viagem na maionese” que o pessoal de esquerda queria fazer com a Constituinte. (...) O Secretário executivo desse Centrão vem a ser um jovem doutor em direito que foi resgatado pela CEDES (...) e se chamava Gastão Toledo<sup>24</sup>.

Durante a Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988) a maior parte dos parlamentares passaram a se alinhar ao redor de dois polos ideológicos principais, um polo de direita, “neoliberal”, e outro de esquerda, de viés “socialdemocrata”. É possível dizer, a partir do que relata o sociólogo Brasília Sallum Jr. (1996), que, a maior parte daqueles que se alinhava ao polo “neoliberal” formou um bloco suprapartidário conhecido como “Centrão”, e aqueles que se identificavam mais com o polo “socializante”, com raras exceções, formaram o Movimento de Unidade Progressista (MUP). Ainda que os políticos reunidos no Centrão tenham obtido sucesso em barrar os projetos de lei mais polêmicos que foram apresentados pelos constituintes de esquerda (Dreifuss, Rene, 1989), Rabelo de Castro avalia que foi voto vencido na reunião junto aos empresários no Guarujá, afinal, a maior parte dos empresários não saiu da reunião convencida do discurso pró-mercado. Winston Ling, fundador do IEE, que esteve presente na reunião, aponta que a mesma foi palco de disputas ásperas entre os empresários presentes:

Estavam presentes todos os empresários de peso do Brasil. (...) O objetivo da reunião era discutir os rumos do Brasil, e o Donald Stewart, como

<sup>24</sup> Entrevista realizada com Paulo Rabelo de Castro, ver mais informações em Anexo 1



presidente do Instituto Liberal, estava puxando para o liberalismo, estava lá muita gente ligada aos institutos liberais também, e aí o Emílio Odebrecht se levantou e disse assim: “vocês são uns sonhadores, o mundo real não é assim como vocês estão sonhando e tal”. Naquela época eu visitava muitos empresários tentando vender os livros, pedindo doação, mas ninguém nunca falou assim tão agressivamente contra o liberalismo como o Odebrecht falou<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Idem nota 8.

Nos anos seguintes, após a promulgação da Constituição no ano de 1988, a CEDES passou por um período de refluxo e foi perdendo a força do seu discurso à medida que a crise econômica se estendeu no tempo. Em agosto de 1989, em meio ao auge da crise inflacionária, Rabello de Castro foi convidado para assumir o Ministério da Fazenda nos últimos três meses do governo de José Sarney, porém respondeu negativamente. Com o passar do tempo Castro foi perdendo contato com o grupo de economistas paulistas ligados à CEDES, porém, passados dois anos da derrota no encontro do Guarujá, decidiu apresentar um plano econômico de sua autoria, que ficou conhecido como “Plano K”, ao então presidente Fernando Collor de Melo. No entanto, apesar de ter recebido o economista e esboçado algum entusiasmo, Collor de Melo acabou não acatando sua orientação. Depois da negativa, Castro teve então a ideia de criar um *think tank* pró-mercado, e após a publicação do “Plano K” em formato de livro, *Brasil: esse país tem jeito?*, o economista se uniu ao empresário carioca Thomaz Magalhães e fundou, no ano de 1992 no Rio de Janeiro, o Instituto Atlântico (IA).

Um dos principais focos do IA era atingir as classes populares. Para tanto, passaram a ser divulgadas pela organização as ideias de capitalismo popular e privatização popular, ou seja, como os trabalhadores comuns poderiam se beneficiar materialmente do estabelecimento de uma ordem política e econômica orientada para o desenvolvimento do livre-mercado. Para tanto, poucos anos após a fundação do instituto, foi estabelecido um convênio estável com a Força Sindical, uma das maiores centrais sindicais do país, por meio do qual foram distribuídas aos trabalhadores, ao longo da década de 1990, mais de um milhão de cartilhas ilustradas pelo cartunista Ziraldo, versando temas diversos dentro do enfoque do capitalismo popular. Um dos temas principais veiculados pelas cartilhas era a privatização da previdência, e em 1997 o IA contratou o Ibope para realizar uma pesquisa junto aos trabalhadores com carteira assinada na Região

Metropolitana de São Paulo justamente sobre este tema. Para a surpresa positiva do próprio Instituto, 73% dos trabalhadores entrevistados era a favor da quebra de monopólio da Caixa Econômica Federal (CEF) como gestora dos recursos do FGTS, e 71% afirmaram que transfeririam seus fundos para uma instituição financeira privada alternativa à CEF<sup>26</sup>.

No que tange à classe política, apenas no ano de 1993 o IA apresentou mais de 400 emendas à Constituição por meio do então deputado federal Eduardo Mascarenhas do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), participou da criação de um comitê de acompanhamento de política monetária e fiscal presidido pelo ex-ministro Ernani Galvêas, realizou um *workshop* sobre privatização no Hotel Transamérica no qual estiveram presentes empresários, economistas de destaque e políticos, como o presidente do Partido da Frente Liberal (PFL), Jorge Bornhausen, e publicou cinco cadernos contendo detalhadas propostas de políticas públicas. No ano seguinte, em 1994, Paulo Rabello de Castro se tornou consultor do programa de governo do PFL e pode então reapresentar seu “Plano K”, no entanto, assim que foi confirmada a aliança da agremiação com o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) o economista renunciou ao cargo afirmando que seriam insuperáveis as diferenças entre o programa a ser defendido pelo PFL e a socialdemocracia defendida pelo PSDB.

Na mesma época, os membros do Instituto Liberal do Rio de Janeiro, por conta de um vínculo com Jorge Bornhausen, presidente do PFL, conseguiram se reunir com o então presidente Fernando Henrique Cardoso, que apareceu na capa de uma das publicações do IL, a revista *Think Tank*, porém, assim como Rabello de Castro, Chagas Diniz, então presidente do IL-RJ, deixa claro que, em sua visão, Cardoso não era um liberal<sup>27</sup>.

## O enfraquecimento do movimento pró-mercado e seus legados

No ano de 1994 Fernando Henrique Cardoso passou a governar o país em aliança com o PFL, cujas principais lideranças eram Marco Maciel, intelectual do partido alinhado ao ideário pró-mercado<sup>28</sup> e que se tornou vice-presidente de FHC, e Jorge Bornhausen, figura sempre presente nos eventos dos *think tanks* liberais. Tanto Maciel

<sup>26</sup> Informação contida em informe do IA de 1997.

<sup>27</sup> Idem nota 8.

<sup>28</sup> As ideias de Marco Maciel para o PFL podem ser encontradas em uma brochura de sua autoria, “Frente Liberal, Proposta e Partido”, publicada em 1985, um ano antes do partido ser oficialmente fundado.



como Bornhausen, assim como outras lideranças pefelistas, foram capazes de imprimir na maior parte do tempo uma orientação razoavelmente coerente em prol do livre-mercado a despeito do fisiologismo presente na agremiação (Ribeiro, Ricardo, 2013). Contudo, curiosamente, ao mesmo tempo em que a metade dos anos 1990 foi um marco importante no que tange à ocupação do governo com políticos e tecnocratas de orientação pró-mercado e à implementação de políticas neoliberais, também foi o momento que deu início ao declínio das atividades dos *think tanks* liberais.

Durante este período, os institutos liberais estaduais foram sendo fechados um após o outro e o IL-RJ perdeu boa parte de seus financiadores. Para Winston Ling, a falta de comunicação, a centralização dos institutos, a falta de profissionalização e de massa crítica foram os principais motivos para a crise do IL, sendo que o único destes que não fechou foi justamente o do Rio Grande do Sul, que mudou seu nome para Instituto Liberdade pois, segundo Ling: “naquela época o IL-RJ andou por uma baixa muito ruim e juntamente com as coisas ruins que aconteceram com os outros ILS, (...) o nome estava muito estragado e a gente achou que era mais tranquilo mudar o nome do que fazer todo o trabalho contra a corrente pra limpar o nome, e eu apoiei a mudança pra Instituto Liberdade”.

Além dos motivos alegados pelo empresário, outro fator que desencadeou o desânimo generalizado das lideranças e militantes pró-mercado foi o falecimento de Donald Stewart Jr. em 1998, como atesta Chagas Diniz:

O Donald era corpo e alma do IL. Corpo por que? Porque ele bancava, ele foi o alavancador. O Donald montou isso, me chamou pra trabalhar e pediu que eu fosse presidente porque ele tinha contatos com político e ele não queria misturar as duas atividades. Uma boa parte das pessoas que participava era porque tinham interesse em se relacionar com o Donald, não era exatamente porque tinham interesse em suportar o liberalismo. Então quando o Donald morreu nós perdemos muita coisa, o primo dele, que ficou controlando a organização, cortou os pagamentos que dava mensalmente e o IL não tinha (mais) receita. Enfim, o ápice do IL foi com o Donald, o Donald dava uma força extraordinária<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> Idem nota 8.

Por fim, também contribuiu para que o movimento neoliberal brasileiro perdesse impulso a própria



implementação de algumas de suas principais pautas, como a abertura de mercados e a privatização de empresas estatais pelos governos de Fernando Henrique Cardoso ao longo da década de 1990<sup>30</sup>. Com a maior penetração do ideário neoliberal nas hostes governamentais, vários financiadores do movimento acreditaram que este já haviam logrado êxito e que portanto não necessitavam mais de um aporte contínuo de recursos. A perda progressiva de recursos e quadros fez com a atuação dos *think tanks* se enfraquecesse, se tornando praticamente residual nos anos 2000. Mesmo o Instituto Atlântico, que sofreu menos com a perda de mantenedores também diminuiu suas atividades em comparação com os primeiros anos após sua fundação<sup>31</sup>. Winston Ling, inclusive, alega que o descontentamento com a atuação dos empresários e líderes ligados aos institutos brasileiros foi um dos motivos que o levaram a ir embora do país na época.

Contudo, a despeito deste período de baixa das atividades, e das dificuldades existentes para avaliar a real influência de *think tanks* nas políticas públicas que são adotadas pelos governos (Abelson, Donald, 2007), é possível afirmar que estas organizações conseguiram atuar como verdadeiros aparatos privados de hegemonia na medida em que procuraram influenciar ativamente diferentes setores da sociedade civil<sup>32</sup> (Moraes, Dênis, 2010) e deixaram legados importantes que perduram até hoje.

Um dos principais legados deixado pela atuação dos *think tanks* entre as décadas de 1980 e 1990 é a própria institucionalização do movimento como tal. Ao longo do tempo foi sendo estabelecida uma rede estável e formalizada constituída por indivíduos, organizações e fóruns brasileiros e estrangeiros, na qual trafegam apoio material e organizacional para as atividades pró-mercado. Assim, se por um lado muitos dos financiadores do movimento se afastaram com o falecimento de Donald Stewart, por outro lado o IL e o IEE já haviam se tornado referências permanentes e incontornáveis para os liberais dentro e fora do país com financiadores cativos como Gerdau, Sallim Matar e Ling, além disso, ao desenvolver projetos junto a outras entidades para além das empresariais, como a Força Sindical, o Instituto Atlântico acabou por imprimir um tipo de atuação mais pragmático e sustentável ao movimento neoliberal.

Desse modo, foi possível dar continuidade de modo razoavelmente estável a atividades como a publicação de

<sup>30</sup> Como apontaram em entrevista Bernardo Santoro, ex-diretor do Instituto Liberal e Alex Catharino, aluno particular do professor Og Leme, ver mais informações em Anexo 1.

<sup>31</sup> As atividades desenvolvidas pelo IA desde sua fundação podem ser consultadas em <http://www.atlantico.org.br/pt/linha-do-tempo>.

<sup>32</sup> De acordo com o enfoque gramsciano, “enquanto a sociedade política tem seus portadores materiais nas instâncias coercitivas do Estado, na sociedade civil operam os aparelhos privados de hegemonia, isto é, organismos relativamente autônomos em face do Estado em sentido estrito, que desejam somar consensos e consentimentos em torno de suas proposições. (...) São os agentes da hegemonia, os portadores materiais das ideologias que buscam consolidar apoios na sociedade civil, seja para manter a dominação, seja para contrariar seus pressupostos. Funcionam como caixas de ressonância de posições presentes nas pelepas ideológico-culturais” (Moraes, 2010:59).



livros e brochuras, concursos acadêmicos e a realização de reuniões e fóruns com o apoio de empresários nacionais e *think tanks* e organizações estrangeiras, principalmente norte-americanas. Entre estas atividades merece destaque o Fórum da Liberdade, evento organizado anualmente pelo IEE em Porto Alegre, e que se tornou o grande ponto de encontro dos liberais brasileiros que lá se reúnem para assistir debates realizados com lideranças nos campos empresarial, político e intelectual, sendo que das primeiras edições participaram inclusive políticos de esquerda e centro-esquerda brasileiros.

Outros legados importantes da atuação dos *think tanks*, especialmente do Instituto Liberal, se referem à educação. Nesse sentido foram importantes as traduções de livros de autores pró-mercado para o português e sua divulgação e disponibilização para venda ou consulta gratuita nos Institutos Liberais, os quais poderiam ser acessados pelo público em geral. Além disso, o Instituto Liberal foi responsável pela formação de quadros de elite acadêmica, professores e pesquisadores principalmente na área de economia, e nesse sentido a atuação de Og Leme foi essencial, pois foi através de Leme que vários estudantes brasileiros conseguiram bolsas de estudo e/ou acesso a estudos de pós-graduação na Universidade de Chicago e outras instituições americanas, impactando uma geração, ou mais, da inteligência brasileira, como afirma um de seus discípulos:

Uma parte influente da geração de economistas, engenheiro e cientistas políticos formados nas décadas de 1960 e 1970 tem uma dose de gratidão ao Prof. Og Leme. Foi um incansável mestre que estimulou e abriu caminho para que muitos jovens ampliassem sua formação acadêmica nos Estados Unidos. Muitos cursos de economia no Brasil alcançaram padrão internacional graças aos mestres e doutores criados por Og Leme, que implantaram os atuais programas de pós-graduação (...). Como todo o visionário, Og deixou sementes que um dia germinarão no Brasil<sup>33</sup>.

<sup>33</sup> Depoimento de Claudio R. Contador, Doutor em economia pela Universidade de Chicago para o livro *Og Leme, um liberal. Crônicas* publicado em 2011 pelo Instituto Liberal.

## Bibliografia

- ABELSON, Donald E; LINDQUIST, Evert. (2000) Think Tanks Across North America, In WEAVER, R. Kent and MCGANN, James G. (eds), *Think Tanks And Civil Societies: Catalyst For Ideas And Action*. New Jersey: Transaction Publishers.
- ABELSON, Donald E. (2007). ¿Alguien está escuchando?



- Evaluando la influencia de los think tanks en las políticas. In GARCÉ, Adolfo et al. *Think tanks y políticas públicas en Latinoamérica: dinámicas globales y realidades regionales*. Buenos Aires: Prometeo Libros.
- ANDERSON, Perry Et al. (1995). *Balanço Do Neoliberalismo. Pós-Neoliberalismo: As Políticas Sociais E O Estado Democrático*. Rio De Janeiro: Paz eTerra
- CASIMIRO, Flávio Henrique (2011). A Dimensão Simbólica do Neoliberalismo no Brasil: O Instituto Liberal e a Cidadania como Liberdade de Consumo. In *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, 23(1).
- COCKETT, Richard (1995). *Thinking The Unthinkable: Think-Tanks And The Economic Counter-Revolution 1931-1983*. Londres: Harpercollins Publishers.
- CRUZ, Sebastião Carlos Velasco (2007). *Trajetórias: Capitalismo Neoliberal E Reformas Econômicas Nos Países Da Periferia*. Marília: UNESP.
- DESAI, Radhika (1994). Second-Hand Dealers In Ideas: Think-Tanks And Thatcherite Hegemony. In *New Left Review*, pp. 27-27.
- DOHERTY, Bryan (2009). *Radicals for capitalism: A freewheeling history of the modern American libertarian movement*. PublicAffairs.
- DREIFUSS, Rene Armand (1987/1964). *A Conquista Do Estado: Ação Política, Poder E Golpe De Classe*. Rio de Janeiro: Vozes.
- DREIFUSS, René Armand (1989). *O jogo da direita na Nova República*. Rio de Janeiro: Vozes.
- GROS, Denise (2006). Institutos Liberais, Neoliberalismo E Políticas Públicas Na Nova República. *Associação Nacional De Pós-Graduação E Pesquisa Em Ciências Sociais*, 2006.
- HARVEY, David (2008). *O neoliberalismo: história e implicações*. Rio de Janeiro: Loyola.
- JAMES, Simon (1993). The Idea Brokers: The Impact Of Think Tanks On British Government. *Public Administration*, V. 71, N. 4, pp. 491-506.
- LOUREIRO, Maria Rita (1997). *Os economistas no governo: gestão econômica e democracia*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas.
- MIROWSKI, Philip; PLEHWE, Dieter (2009). *The Road From Mont Pelerin*. Harvard University Press.
- MORAES, Dênis (2010). Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, 4(1), p. 54.





- MORAES, Reginaldo (2015). A organização das células neoconservadoras de agitprop: o fator subjetivo da contrarrevolução. In VELASCO E CRUZ, Sebastião et al. (orgs.) *Direita Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo:Perseu Abramo.
- RIBEIRO, Ricardo (2014). Decadência longe do poder: refundação e crise do PFL. *Revista de Sociologia e Política*, 22(49), pp. 5-37.
- RICH, Andrew (2005) *Think Tanks, Public Policy, And The Politics Of Expertise*. Cambridge University Press
- SALLUM JR., Brasília (1996). *Labirintos. Dos generais à Nova República*. São Paulo:Hucitec.
- STEDMAN JONES, Daniel (2014) *Masters Of The Universe: Hayek, Friedman, And The Birth Of Neoliberal Politics*. Princeton University Press.
- SMITH, James A. (1993). *Idea Brokers: Think Tanks And The Rise Of The New Policy Elite*. Simon And Schuster.
- STONE, Diane L. (2005). *Think Tanks And Policy Advice In Countries In Transition. Public Policy Research And Training In Vietnam*.
- THUNERT, Martin (2003). Conservative *Think Tanks* in the United States And Canada. In *Conservative Parties And Right-Wing Politics In North America*. VS Verlag Für Sozialwissenschaften, pp. 229-252.
- WEAVER, R. Kent (1989). The Changing World Of Think Tanks. *PS: Political Science & Politics*, V. 22, N. 03, pp. 563-578.

## **Anexo 1- Entrevistas**

Alex Catharino frequentou o Instituto Liberal do Rio de Janeiro por mais de dez anos onde foi aluno particular do professor Og Leme. É historiador, vice-presidente do Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP), editor-assistente da *COMMUNIO*, revista internacional de teologia e cultura, e pesquisador do Russel Kirk Center e no ano de 2017 passou a ocupar o cargo de editor-chefe da LVM Editora, ligada ao Instituto Mises Brasil (IMB). Entrevista realizada via Skype no dia 26 de julho de 2016.

Arthur Chagas Diniz foi vice-presidente do Instituto Liberal por mais de vinte anos. É formado em Engenharia Civil e Eletrônica pela Escola Nacional de Engenharia, tendo trabalhado na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) entre 1960 e 1964, no Ministério do Planejamento (1965-1967) e no *Jornal do Brasil* (1987-1988). Entrevista realizada no dia 11



de dezembro de 2015 no Rio de Janeiro em conjunto com o jornalista Lucas Berlanza.

Bernardo Santoro é mestre em Teoria e Filosofia do Direito (UERJ), foi diretor executivo e presidente do Instituto Liberal (2012-2016), coordenador do Centro Mackenzie para Liberdade Econômica (2016-2017) e assumiu no mês de setembro de 2017 o cargo de Secretário Geral do Partido Patriota. Entrevista realizada no Rio de Janeiro no dia 6 de outubro de 2015.

José Stelle é radicado e mora nos Estados Unidos desde 1985, foi tradutor e editor de opinião da revista Visão, de Henry Maksoud, cofundador do Instituto Liberal do Rio de Janeiro e coordenador da publicação de algumas das principais obras de F. Hayek no Brasil. Entrevista realizada via Skype no dia 23 de fevereiro de 2017.

Paulo Rabello de Castro é doutor em Economia pela Universidade de Chicago, diretor-Presidente da SR Rating, presidente do Instituto Atlântico e fundador da OSCIP Instituto Maria Stell. Integra o Comitê de Gestão do Grupo de Líderes Empresariais (Lide), é um dos coordenadores do Movimento Brasil Eficiente (MBE), foi presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2016-2017) e no segundo semestre de 2017 assumiu a presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Entrevista realizada em São Paulo no dia 26 de maio de 2017.

Winston Ling mora em Xangai há 13 anos, é empresário e mestre em economia pela Universidade de Chicago, tendo colaborado ativamente para a criação do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul (que depois se tornou o atual Instituto Liberdade) e do Instituto de Estudos Empresariais. Entrevista realizada pelo Skype no dia 18 de abril de 2017.

Fecha de recepción: 31 de mayo de 2017  
Fecha de aceptación: 11 de septiembre de 2017



Licencia Creative Commons Atribución-No Comercial-Compartir Igual 4.0 Internacional

